

## Cartilha metodológica para facilitadoras/es

Como construir projetos de vida comunitários  
para a sustentabilidade de modos de vida  
rurais no Semiárido Brasileiro



OBJETIVOS DE  
DESENVOLVIMENTO  
SUSTENTÁVEL

10 REDUÇÃO DAS  
DESIGUALDADES





***Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária  
Embrapa Algodão  
Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento***

## **DOCUMENTOS 277**

# Cartilha metodológica para facilitadoras/es

Como construir projetos de vida comunitários  
para a sustentabilidade de modos de  
vida rurais no Semiárido Brasileiro

*José de Souza Silva  
Autor*

***Embrapa Algodão  
Campina Grande, PB  
2019***

Esta publicação está disponível no endereço:  
<https://www.embrapa.br/algodao/publicacoes>

**Embrapa Algodão**  
Rua Osvaldo Cruz, 1143, Centenário  
CEP 58428-095, Campina Grande, PB  
Fone: (83) 3182 4300  
Fax: (83) 3182 4367  
[www.embrapa.br/algodao](http://www.embrapa.br/algodao)  
[www.embrapa.br/fale-conosco/sac](http://www.embrapa.br/fale-conosco/sac)

Comitê Local de Publicações  
da Unidade Responsável

Presidente  
*João Henrique Zonta*

Secretário-Executivo  
*Valdinei Sofiatti*

Membros  
*Alderí Emídio de Araújo, Ana Luíza Dias Borin,  
José da Cunha Medeiros, Marcia Barreto  
de Medeiros Nóbrega, João Luis da Silva  
Filho, Liziane Maria de Lima, Sidnei Douglas  
Cavaliari*

Supervisão editorial  
*Geraldo Fernandes de Sousa Filho*

Revisão de texto  
*Camilla Souza de Oliveira*

Normalização bibliográfica  
*Ana Lucia Delalibera de Faria (CRB 1/324)*

Tratamento das ilustrações  
*Geraldo Fernandes de Sousa Filho*

Projeto gráfico da coleção  
*Carlos Eduardo Felice Barbeiro*

Editoração eletrônica  
*Geraldo Fernandes de Sousa Filho*

Fotos da capa  
*Joffre Kouri*

**1ª edição**  
1ª impressão (2019): on-line

**Todos os direitos reservados.**

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte,  
constitui violação dos direitos autorais (Lei nº 9.610).

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
Embrapa Algodão

---

Silva, José de Souza.

Cartilha metodológica para facilitadoras/es: como construir projetos de vida  
comunitários para a sustentabilidade de modos de vida rurais no Semiárido  
Brasileiro / José de Souza Silva. – Campina Grande : Embrapa Algodão, 2019.

51 p.– (Documentos / Embrapa Algodão, ISSN 0103-0205 ; 277)

1. Comunidade rural. 2. Projeto de desenvolvimento. 3. Sustentabilidade.  
4. Coletividade. 5. Semiárido. 6. Brasil. I. Título. II. Série.

CDD 307.14

## Autor

### **José de Souza Silva**

Engenheiro-agrônomo, Ph.D., em Sociologia, pesquisador da Embrapa Algodão, Campina Grande, PB.



## Agradecimentos

O autor agradece às agricultoras e agricultores familiares, assim como às facilitadoras e facilitadores comunitários e de instituições parceiras, das comunidades Irapuá, em Novas Russas, CE, Pilãozinho, Soledade e Santa Rita, em Serra Talhada, PE, e Quilombo Serra Feia, em Cacimbas, PB, por sua participação: a) no Experimento Social Metodológico para validar o caminho metodológico da construção coletiva de Projetos de Vida Comunitários; b) na geração de conhecimentos emergentes do referido experimento; c) na tradução desses conhecimentos no processo de redação da **Cartilha Metodológica para Facilitadoras(es): Como construir Projetos de Vida Comunitários para a sustentabilidade de modos de vida rurais no Semiárido brasileiro**. Para o autor, essas **comunidades são coautoras da referida cartilha**.





## Apresentação

A compreensão e interpretação da história é um dos caminhos para se entender o presente e construir o futuro. Esse processo de crescimento pode ser utilizado por países, por comunidades e por cada indivíduo. A interpretação da história é diferente para cada indivíduo, pois cada um carrega a sua própria história com suas crenças, experiências e individualidade, de forma que a compreensão da nossa história é a soma do que cada indivíduo compreende com sua própria jornada e, assim, a sociedade projeta o seu futuro.

Este documento é o resultado de um exercício feito com comunidades rurais do Semiárido nordestino, cujos membros foram convidados a revisitar o seu passado e a utilizar a sua história coletiva como a base para refletirem sobre o que desejam para o seu futuro. Se o futuro ainda não existe e não está determinado, ele pode ser construído a partir das nossas ações do presente.

Desejo-lhe uma boa leitura!

*Liv Soares Severino*

Chefe-geral Interino da Embrapa Algodão



## Sumário

Introdução.....	11
Preâmbulo poético .....	11
A pedagogia da pergunta e o caminho metodológico .....	13
Passado, presente e futuro do modo de vida rural comunitário.....	13
Momentos metodológicos.....	19
Doze momentos de transformação coletiva para a construção do futuro comunitário.....	19
Momento-1: Acordo coletivo sobre um Projeto de Vida Comunitário.....	20
Perguntas sugeridas .....	21
Momento-2: Representação histórica do passado comunitário.....	23
Perguntas sugeridas .....	24
Momento-3: Representação crítica do presente comunitário.....	27
Perguntas sugeridas .....	28
Momento-4: Representação prospectiva do futuro comunitário.....	30
Perguntas sugeridas .....	32

Momento-5: Processos históricos transformadores da realidade comunitária .....	34
Perguntas sugeridas .....	35
Momento-6: Processos futuros transformadores da realidade comunitária.	36
Perguntas sugeridas .....	37
Momento-7: Potencialidades para viabilizar o Projeto de Vida Comunitário .....	38
Perguntas sugeridas .....	39
Momento-8: Dificuldades para viabilizar o Projeto de Vida Comunitário	40
Perguntas sugeridas .....	40
Momento-9: Matriz institucional implicada no Projeto de Vida Comunitário.	41
Perguntas sugeridas .....	41
Momento-10: Divisão de responsabilidades dentro da comunidade.....	42
Perguntas sugeridas .....	43
Momento-11: Estratégias para implementar o Projeto de Vida Comunitário .....	44
Momento-12: Implementação e avaliação do Projeto de Vida Comunitário	45
Conclusão.....	47
Referências .....	48
Anexo .....	51

## Introdução

### Preâmbulo poético<sup>1</sup>

1. Decidamos, no presente  
Como o futuro se faz:  
Olhar cem anos pra trás  
Olhar cem anos pra frente.  
O futuro está latente  
A esperança também  
Que floresceu para quem  
Por esta rota se atrai  
*Só sabe pra onde vai  
Quem sabe de onde vem*

3. Forma de ser e sentir  
Precisa ser recriada  
Com amor, reinventada  
Outra forma de agir  
Isso, temos que parir.  
Desse ponto de partida  
A rota está decidida  
Podemos, juntos, sonhar  
*Conviver é transformar  
O nosso modo de vida*

5. É tecida a muitas mãos  
Convivência verdadeira  
Da esperança, companheira,  
Que multiplicando os grãos  
Atende a todos irmãos  
Construindo o *Bem Viver*  
Com toques de bem-querer  
Dignidade e Prudência  
*A nossa interdependência  
Nos convida a conviver*

7. Que convivência queremos  
Criando suas raízes?  
Comunidades felizes  
São muito poucas as que temos.  
Mas, agora, já sabemos  
Pra vida se sustentar  
Será preciso mudar  
A forma de intervir  
*Não podemos construir  
Sem primeiro imaginar*

2. Semiáridos mundiais...  
Em nosso conhecimento  
Cinquenta e cinco por cento  
Das terras continentais.  
O nosso é o que vale mais  
Por ser ele o mais chuvoso  
Mais diverso e populoso.  
Pra vida ter mais decência  
*Falta só a convivência  
Eita, que Sertão gostoso!!!*

4. Onde a convivência nasce?  
A pergunta é relevante  
A resposta é importante  
Porque constrói um enlace  
Despertando toda classe  
De fontes de emoção  
Que precedendo a razão  
*É Bem Viver garantido  
Convivência tem sentido  
Se nascer do coração*

6. A convivência é parida  
Por necessária insurgência  
Por histórica resistência  
À “guerra” que foi perdida  
Pra seca ser “combatida”.  
Convivência é construção  
Exige transformação  
Temperada com prudência  
*Sabemos que a convivência  
Não é acomodação*

8. Nesse sonho que nós temos  
Para o sertanejo forte  
O nosso Sul é o norte  
Das mudanças que queremos.  
E nós juntos teceremos  
O manto da união  
Sendo o povo o tecelão  
Pra deixá-la bem vestida  
*Sustentar modos de vida  
Pro Bem Viver no Sertão*

<sup>1</sup> Estrofes selecionadas de Convivência com o Semiárido: manifesto poético do Bem Viver no Sertão (Silva; Panelas, 2019). Os Autores agradecem a Nair Helena Castro Arriel, Fábio Aquino de Albuquerque, Joffre Kouri e Eliane Maria de Oliveira, da Equipe do Núcleo de Agroecologia (Projeto CNPq), que apoiaram o Experimento Social Metodológico que resultou nessa Cartilha, que foi concebido sob a influência também do excepcional legado do Projeto Dom Helder Câmara (PDHC).

9. Destranquem seu coração

Para a Agroecologia

Prima da Filosofia

Pro *Bem Viver* no Sertão.

Acordes de emoção

Pedirão suficiência

Pra decantar a essência

Fortalecer nossa fé

*Agroecologia é*

*A alma da convivência*

11. Pra que convivam saudáveis

Humanos e não humanos

Necessitamos de planos

Para vidas sustentáveis

Sem uso de descartáveis

Pra não matar a beleza

E aumentar a certeza

Da vida longa dos rios

*Precisam viver sadios*

*Nosso corpo e a natureza*

13. Revisando toda história

Da mulher na agricultura

Na vida, em nossa cultura

Abunda em nossa memória

A mais ampla trajetória:

No campo, tem seu saber

Na cidade, seu fazer

Na família, a consciência

*Sem mulher, a convivência*

*Nunca vai acontecer*

15. O futuro que aí vem

Traz um dilema profundo:

Ou se salva todo mundo

Ou não escapa ninguém.

A convivência contém

Relevantíssima opção

Que requer interação

Cenários imaginados

*Somos todos convidados*

*Pra fazer a transição*

10. Vai mudar modos de vida

Temperados com paixão.

A natureza, então

Será sempre agradecida

Livre, enfim, do agrócida.

A sua resiliência

Lhe dará mais resistência

Mais dignidade, até

*Agroecologia é*

*A alma da convivência*

12. Conhecimento local

É significativo

Insurgente, criativo

Antecipado ao global

Pra dar um giro total

Nessa nossa educação

Na pesquisa e extensão

Na forma de cooperar

*Territorializar*

*A trama da inovação*

14. Junto com seu ideário,

Na mente, conhecimento

No coração, sentimento.

De seu ventre humanitário

Nasce um 'viver solidário'

Semeando o bem querer

Que assegura o *Bem Viver*:

Vida digna, com decência

*Sem mulher, a convivência*

*Nunca vai acontecer*

16. Nunca antes na história

Tivemos proposta assim

*Ser feliz*, agora, é fim.

Vemos outra trajetória

Nutrida pela memória

E os saberes do Sertão

Sementes germinarão

Com frutos adocicados

*Somos todos convidados*

*Pra fazer a transição*

## A pedagogia da pergunta e o caminho metodológico

### Passado, presente e futuro do modo de vida rural comunitário

Conceito essencial: **Modo de Vida Rural**. Na interpretação do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, no Semiárido brasileiro, um *modo de vida rural* é uma filosofia de vida comunitária, uma forma coletiva de ser e sentir, pensar e agir, produzir e consumir, comunicar-se e relacionar-se entre si e com a sociedade e a natureza, que caracteriza um grupo de famílias rurais cuja história social/política o transformou numa comunidade. A sustentabilidade de um modo de vida rural depende principalmente da sustentabilidade da agricultura familiar constitutiva desse modo de vida comunitário e, por sua vez, a sustentabilidade dessa agricultura depende principalmente da sustentabilidade da agrobiodiversidade (sementes, raças, cultura) adaptada à semiaridez local.

*“No começo, a gente ficô zonzo... Quanto mais nói discutia sobre a comunidade mais nói descobria coisa... da forma de vivê junto... que nói fazia sim prestá atenção. Agora nói entende... a vida in comunidade é mais complicada do que nói pensava, né? Num é só a produção... tem outras coisa pra nói cuidá, né? O que nói achava complicado pra intendê no começo do Projeto era o chamado modo de vida rurá. Ainda tem umas pergunta que perturba nói... mais tá claro que nói temo que mudá o modo de vida comunitario pra fazê o que fô mió pro futuro dos fio e dos neto, Mais... o que me conquistô mermo logo no comecim... foi o valor qui a equipe dá pra históia. Isso de qui só sabe pra onde vai quem sabe de onde vem, eu istô muito de acordo” (Ciro Pinto de Carvalho, Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 25/05/2017)<sup>2</sup>.*

---

<sup>2</sup> Ao longo da Cartilha, as citações estão escritas na linguagem das pessoas entrevistadas, conforme arquivos gravados. Elas pediram que suas vozes fossem ouvidas na forma como elas se expressaram, para que outros tivessem acesso direto ao seu pensamento. “Nóis é o qui nós fala”, disse uma das agricultoras.

O futuro é incerto e não pode ser reduzido a uma lista de desejos. Pensar o futuro exige problematizar o passado e o presente através de perguntas inspiradoras de reflexões críticas. Mas não somos educados para conceber perguntas. Geralmente vamos à Escola para memorizar respostas alheias que respondem a perguntas concebidas longe de nossa realidade, sem nossa participação nem compromisso com nosso futuro. Em algum grau, somos “forçados” como receptores de respostas e seguidores de caminhos, quando a construção de outro futuro relevante exige construtores de respostas e caminhos. O que nos liberta é a pergunta, não a resposta (Freire; Faundez, 1985). Uma resposta, da qual não participamos de sua construção, nos faz seu prisioneiro; podemos repeti-la, mas não transformá-la. Uma resposta alheia informa, mas não inspira; nada aprendemos por não participar do processo reflexivo para sua construção. Assim, não se pode transformar uma realidade com respostas existentes sobre ela (que são constitutivas da realidade insatisfatória que queremos compreender para transformar), mas com perguntas.

Para que uma realidade rural seja transformada, faz-se necessário primeiro transformar a percepção coletiva vigente sobre ela. Uma comunidade rural transforma diariamente a sua realidade através de micro relações, significados e práticas, culturalmente invisíveis para cientistas e profissionais externos a seu modo de vida. Por isso, para transformar a percepção coletiva vigente sobre uma realidade determinada, é crítico conceber coletivamente outras perguntas relevantes sobre a realidade local, para que a comunidade participe conscientemente da construção negociada das respostas correspondentes. No caso de uma comunidade, é crítico mobilizar todas as famílias no processo de negociar perguntas e construir respostas sobre seu passado, presente e futuro comunitário. Assim como adultos não se comprometem com respostas que escutam, famílias de uma comunidade rural não se comprometerão com uma proposta para transformar seu futuro se não participarem do diagnóstico histórico, atual e prospectivo cuja compreensão e resultados justificam o seu conteúdo e legitimam a sua relevância. Uma comunidade necessita de autonomia para pensar o seu futuro. Estudos recentes confirmam que a felicidade comunitária inclui a sua autonomia para imaginar e construir coletivamente um futuro relevante para as famílias que a integram (Oliveira et al., 2016; Pazmiño; Quintana, 2016). Assim, o Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão incluiu as comunidades no Experimento como sujeitos, não como objetos, da investigação:



*“No começo nós num quíria acreditá...A Embrapa dizê que o comando do processo seria de nós...que nós mermo ia recontá o passado, examiná o presente e imaginá o futuro da comunidade? Vixe Maria! Isso foi bom demais...As instituição que procurava nós antes era sempre pa dizê o que era mió pa nós e o que era pa nós fazê...do jeito que os técnico quíria. Mais a equipe da Embrapa cumpriu...foi os nosso Facilitadô que organizaro e lideraro o processo pa fazê o nosso projeto de vida comunitario, com o apoio totá da Dotora Juliana [Ferreira Gonçalves], da Emater de Cacimbas, que já trabaíava cum nós aqui...e foi formada como Facilitadora na merma Oficina que formó os nosso Facilitadô” (Geraldinho [Geraldo Alves Gonçalves], Presidente da Comunidade Quilombo Serra Feia, Cacimbas-PB, 25/05/2017).*

Na metodologia compartilhada nessa Cartilha, Facilitadoras/es<sup>3</sup> do processo mobilizam as famílias da comunidade para que essas, juntas, avaliem se necessitam ou não de um **Projeto de Vida Comunitário**, assim como se estão ou não dispostas a comprometerem-se com o processo coletivo para a sua construção. Inspirada na pedagogia crítica de Paulo Freire, a Facilitação ocorre em momentos metodológicos organizados sob a **pedagogia da pergunta**. Em cada momento metodológico, Facilitadoras/es mobilizam as famílias para socializar e validar perguntas relevantes, a partir das quais a comunidade constrói coletivamente suas próprias respostas. As perguntas são geradoras de discussões coletivas, para a construção negociada das respostas correspondentes. Antes de iniciar cada passo, Facilitadoras/es ajustam culturalmente a linguagem das perguntas, imaginando exemplos e analogias localmente compreensíveis e aceitáveis. Facilitadoras/es de uma ou mais instituições parceiras necessitam assumir a responsabilidade de digitar as respostas construídas pela comunidade e, no final, redigir o Projeto de Vida Comunitário, numa forma pedagógica na qual o texto reflita a sequência metodológica do processo que gerou o referido produto. O texto final necessita incluir: (a) Antecedentes, descrevendo a aproximação das instituições parceiras, que introduziram os conceitos de Modo de Vida Rural e de Projeto de

---

<sup>3</sup> Para atuarem como Facilitadoras/es, mulheres e homens de comunidades rurais interessadas em construir seus Projetos de Vida Comunitários, assim como profissionais de instituições parceiras dessas comunidades, devem participar de uma Oficina concebida pelo Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, Campina Grande-PB, para formar Facilitadoras/es, para apropriarem-se da coerência conceitual e metodológica que lhes permitirá adaptar —*histórica e culturalmente*— o processo localmente.

Vida Comunitário, e as circunstâncias que levaram a Comunidade a concluir que necessitava de um Projeto de Vida Comunitário; (b) Contextualização da comunidade, situando-a no Semiárido Brasileiro e no território do Estado onde está localizada, descrevendo a paisagem rural local da qual a comunidade é parte constitutiva; (c) História do passado comunitário, que sintetiza historicamente os principais aspectos das diferentes dimensões constitutivas da vida comunitária (**Anexo**); (d) História do presente comunitário, que sintetiza o estado atual dos principais aspectos das diferentes dimensões da vida comunitária; (e) História (antecipada) do futuro comunitário, sintetizando o estado futuro dos principais aspectos das diferentes dimensões da vida comunitária e destacando as macroações a serem implementadas e os princípios orientadores do novo comportamento (*nova compreensão + novo compromisso*) da comunidade frente ao desafio de tentar influenciar a transformação de aspectos do futuro que lhe interessa; e (f) Experiência da comunidade na construção de seu Projeto de Vida Comunitário (em um anexo ao texto, descrevendo a experiência metodológica, da perspectiva da comunidade, incluindo fotos das cartolinas através das quais expressaram, com desenhos, palavras e números, o passado, o presente e o futuro da comunidade). Idealmente, as instituições parceiras da comunidade podem unir-se para publicar seu Projeto de Vida Comunitário. Que perguntas inspiraram a construção de um Projeto de Vida Comunitário? Se uma comunidade decidir pela construção de seu Projeto de Vida Comunitário, terá de refletir coletivamente sobre as perguntas milenares que ainda hoje podem inspirar a construção de sentido para nossa existência: **De onde viemos? Quem somos? Para onde vamos?**

Comprometidos com a autonomia das comunidades para influenciar aspectos da construção do futuro que lhe interessa, e acreditando que a realidade é socialmente construída e transformada (Berger; Luckman, 2004), Facilitadoras/es introduzem o caminho metodológico para orientar o processo de construção coletiva. Originalmente, a inspiração para esse caminho veio de uma Dissertação de Mestrado (Pazmiño; Quintana, 2016) e um artigo resultante de uma pesquisa de campo durante a Intervivência da Residência Agrária em Processos Históricos e Inovação Tecnológica no Semiárido, promovido por UFPB/INSA/PRONERA (Oliveira et al., 2016), cujos autores confrontaram a crise do paradigma de desenvolvimento (Sachs, 2000) e a emergência do

paradigma do Bem Viver<sup>4</sup> (Grupo Permanente de Trabajo sobre Alternativas al Desarrollo, 2011), recomendando o desenvolvimento de uma metodologia construtivista que permitisse o protagonismo de comunidades rurais na concepção e implementação de seu futuro. A recomendação foi adotada pelo Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão (Projeto CNPq), que concebeu um Experimento Social Metodológico para seu desenvolvimento e validação. A consolidação da Metodologia ocorreu em 23-25/05/2017, em Serra Talhada-PE, num intercâmbio de experiências entre as comunidades participantes.

Ao contrário dos convencionais “projetos de desenvolvimento” de comunidades (Alves Filho, 1982; Ammann, 1982; Guilherme, 2012), cujos diagnósticos/propostas são realizados por especialistas com pouca ou nenhuma participação das comunidades, um Projeto de Vida Comunitário é construído com o protagonismo delas (Oliveira et al., 2016). Os Facilitadoras/es, a maioria da própria comunidade, organizam o processo, participando com perguntas associadas às diferentes dimensões constitutivas da realidade comunitária, e enriquecem as discussões da comunidade com insumos (informações sobre experiências, tecnologias, serviços, transição agroecológica, convivência com a semiaridez) que a comunidade não dispõe. Porém, pessoalmente, não tomam decisões nem impõem cursos de ação. Podem alertar a comunidade sobre consequências negativas associadas a uma ou mais premissas<sup>5</sup>/propostas/ações incluídas no Projeto de Vida Comunitário, para que essa tenha a oportunidade de decidir cancelar, ajustar ou continuar com a referida premissa/proposta/ação. O referido caminho metodológico articula uma reinterpretção histórica do modo de vida rural da comunidade, uma avaliação crítica do estado atual da vulnerabilidade-sustentabilidade desse modo de vida e uma exploração prospectiva do futuro coletivo da comunidade no qual as famílias se imaginam convivendo felizes e cultivando um modo de vida coletivo sustentável.

O objetivo final é a construção de aspectos estratégicos do futuro que interessa a todas as famílias da comunidade, mas que não podem ser construídos por nenhuma dessas famílias isoladamente, exigindo uma compreensão re-

---

<sup>4</sup> *Bem Viver* é um paradigma emergente de cosmovisões dos povos originários e seus saberes ancestrais: uma filosofia de vida, um horizonte histórico de sentido utópico inspirando caminhos para a felicidade dos Povos e a sustentabilidade de seus modos de vida (Pazmiño; Quintana, 2016; Silva, 2018).

<sup>5</sup> Uma **premissa é uma verdade** que não necessita ser demonstrada, expressada como afirmação, com o verbo no presente do indicativo. Exemplos: (a) Água é vida; (b) Sem interação não há compreensão.

novada da dinâmica comunitária, um novo compromisso com a transformação relevante do modo de vida da comunidade e um forte esforço associativo entre todas as famílias com o apoio imprescindível de vários parceiros institucionais implicados na implementação do correspondente Projeto de Vida Comunitário. A premissa que justifica esse caminho é a de que **só sabe para onde vai quem sabe de onde vem**. Essa premissa — verdade — estimula uma comunidade a pensar filosoficamente seu passado, presente e futuro:

*“Caje a cabeça dava um nó...Custô intendê qui pa nói imaginá o futuro que nói deseja tem que premero vortá pa trai...pa intendê o passado comunitaro, intendé como nossos bisavô, avô, pai, fizeram isso que hoje nói chama de Comunidade de Pilãozim. Os mai véi daqui, qui nem eu, gostaro muito de sê valorizado, nosso sabê, nossa experiência, né? Depoi ficô mai face nói imaginá o futuro que nói qué pas famia de Pilãozinho...e mai face de difini o que temo que fazê pa chegá lá” (Seu Joaquim [Joaquim Nunes da Cruz], Comunidade Pilãozinho, Serra Talhada-PE; 25/05/2017).*

Com palavras simples, faz-se necessário verificar se a comunidade maneja o conceito do *presente como futuro do passado* e o conceito do *presente como passado do futuro*. No primeiro caso, não podemos mudar o presente. Como futuro do passado, o presente não nos permite retroagir na história para reverter determinadas decisões e ações, para evitar que o presente seja como é hoje. No entanto, no segundo caso, podemos mudar o futuro. Como passado do futuro, o presente nos permite imaginar o futuro que queremos e ações que devemos realizar para construí-lo. Dentro das dimensões do passado, presente e futuro do modo de vida rural comunitário, as perguntas giram em torno da história do passado, do presente e do futuro de dimensões como: organização política da comunidade, produção, alimentação, água, educação, saúde, cultura, infraestrutura, serviços, transporte, esporte, políticas públicas (ver **Anexo**).

Se a comunidade tiver um número muito grande de famílias, dispersas no território comunitário, que dificulte a mobilização de todas simultaneamente, Facilitadoras/es podem usar duas estratégias de forma combinada: (1) realizar uma **mobilização para socialização**, com alguma frequência para informar os avanços, dificuldades e próximas atividades, reforçando pessoal-

mente o convite aos menos ativos no processo, e (2) **descentralização dos momentos metodológicos**, exceto o Momento-1 (Acordo coletivo sobre o Projeto de Vida Comunitário) e o Momento-10 (Divisão de responsabilidades dentro da comunidade), para que um mesmo momento metodológico seja conduzido em áreas do território comunitário onde existam agrupamentos significativos de famílias.

## Momentos metodológicos

### Doze momentos de transformação coletiva para a construção do futuro comunitário<sup>6</sup>

São doze os momentos metodológicos, complementares e interdependentes. De onde viemos, como comunidade? Quem somos, como Comunidade? Para onde vamos, como comunidade? Sob a influência do sentido coletivo estimulado por essas três perguntas filosóficas, nessa sequência, perguntas mais específicas são feitas sobre diferentes dimensões do modo de vida rural para a comunidade responder discutindo, refletindo, negociando, para que a maioria se comprometa com as respostas emergentes desse intercâmbio. Não existem respostas mais verdadeiras que outras, pois as verdades comunitárias são verdades culturais / históricas. Para um modo de vida rural comunitário, existem tantas respostas quantos são os intérpretes de seu passado, avaliadores de seu presente e interessados em seu futuro. Assim, entre muitas respostas possíveis, a melhor resposta é sempre a que tiver o maior número de seguidores. Por isso, o objetivo em cada momento metodológico é facilitar um diálogo entre os saberes técnico e popular, entre as/ os Facilitadoras/es comunitários e de instituições parceiras, e entre esses e

---

<sup>6</sup> A Cartilha foi concebida a partir de um documento que contextualiza o Experimento Social Metodológico realizado pelo Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, considerando a crise planetária que impacta todos os países e suas regiões internas, inclusive o Brasil e o Semiárido Brasileiro, teoriza sobre a coe-rência e relevância desse Experimento na região, onde prevalece uma agricultura familiar convencional praticada por comunidades rurais na maioria de seus territórios, e compartilha a metodologia sugerida aqui, que foi validada pelas comunidades participantes do Experimento (Irapuá, Nova Russas-CE; Pilãozinho, Serra Talhada-PE; Quilombo Serra Feia, Cacimbas-PB), nos dias 24-25/05/2016 na Sede Regional do Instituto Agronômico de Pernambuco (IPA) em Serra Talhada-PE. O Documento original, A construção social da convivência com o Semiárido Brasileiro: Experimento metodológico para a construção coletiva de Projetos de Vida Comunitários, não publicado pela Embrapa Algodão, pode ser obtido com o autor, E-mail: jose.souza-silva@embrapa.br e josedesouzasilva@gmail.com

as demais famílias da referida comunidade, para assegurar que a *coerência coletiva* das respostas esteja em *correspondência contextual* com a realidade rural comunitária.

## **Momento-1: Acordo coletivo sobre um Projeto de Vida Comunitário**

Conceito essencial: **Projeto de Vida Comunitário.** Para o Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, no Semiárido brasileiro, um Projeto de Vida Comunitário é um sonho sonhado por muitos, como propôs Dom Helder Câmara: *é o início de outra realidade*. É uma fonte de emoção, paixão e compromisso coletivos com o futuro de todas as famílias da comunidade; um horizonte utópico para inspirar uma comunidade rural a exercitar sua autonomia para imaginar-se feliz e praticando um modo de vida sustentável; um conjunto de critérios do passado, presente e futuro comunitário para transformar o modo de vida local; uma carta de navegação orientando a viagem rumo à felicidade da comunidade e à sustentabilidade de seu modo de vida rural; um conjunto de ações relevantes para construir o caminho dessa viagem coletiva; um instrumento de negociação junto a parceiros institucionais da comunidade cujos mandatos são vinculados às ações mais importantes para implementar seu Projeto de Vida Comunitário.

Considerando que tanto a felicidade quanto a sustentabilidade de uma comunidade rural estão vinculadas à natureza e dinâmica de seu modo de vida, o primeiro momento metodológico representa a negociação de um acordo comunitário sobre a necessidade ou não de um Projeto de Vida Comunitário, para contribuir à sua felicidade coletiva e à sustentabilidade de seu modo de vida no futuro próximo (mínimo de 10 anos).

Se uma comunidade está satisfeita com o estado atual de sua vulnerabilidade / sustentabilidade, se não há nenhum aspecto do presente que ofereça preocupação quanto à sua contribuição futura à felicidade da comunidade e à sustentabilidade de seu modo de vida coletivo, essa comunidade não necessita de um Projeto de Vida Comunitário. Porém, se houver uma grande preocupação com, pelo menos, um aspecto atual que pode comprometer a

felicidade da comunidade ou a sustentabilidade de seu modo de vida no futuro próximo, essa comunidade necessita construir coletivamente um Projeto de Vida Comunitário. Facilitadoras/es necessitam sugerir algumas perguntas críticas que permitam à comunidade avaliar seu estado atual de *felicidade / infelicidade* coletiva e o estado atual de *vulnerabilidade / sustentabilidade* de seu modo de vida. Como a história é uma poderosa fonte de emoção, e considerando que sem emoção não há paixão e sem paixão não há compromisso, a primeira pergunta dirigida a uma comunidade deve ser sobre sua história, para aumentar as chances de que essa se emocione, se apaixone e se comprometa com a possibilidade de construir seu próprio Projeto de Vida Comunitário, com seu protagonismo político e sua sabedoria coletiva local. Mas, antes dessa primeira pergunta, Facilitadoras/es se apresentam e socializam a sua intenção através da introdução dos conceitos de Modo de Vida Rural e Projeto de Vida Comunitário, com muita possibilidade de produzir esse tipo de reação:

*“Aqui na comunidade a gente ficô loca...de contente. Era a primeira vez que as famia discutia cuma sê filiz...tudo junto...e como tê um modo de vida coletivo decente pa nossos fio daqui a dez ano pa frente...Nói aqui num se alembra de ninguém que vei aqui dizê que a filicidade das nossa famia e a sustentabilidade da forma de vivê tudo junto era as coisa mais importante...e que o processo que tava começando era pa isso. Nunca uma instituição trove tanta aligria pa nói. Foi purisso ca gente dicitu construí o projeto de vida cumunitaro” (Seu Assis [Francisco José de Souza], Presidente da Associação da Comunidade Pilãozinho, Serra Talhada-PE; 25/05/2016).*

## Perguntas sugeridas

- Qual é a história, ou seja, quais são as histórias social (transformação cultural do grupo original de famílias em comunidade) e política (causas, lutas, conquistas) da comunidade? Qual é sua origem, como evoluiu e se transformou ao longo do tempo? Que sujeitos, lugares, acontecimentos, lendas, mitos, objetos, são constitutivos dessa história e constroem sentido para a existência da comunidade?

- Coletivamente, vocês se consideram uma comunidade feliz? Por quê? O que é para vocês a felicidade coletiva, a felicidade comunitária? Em outras palavras, o que faz (hoje) ou fará (no futuro) essa comunidade feliz?
- Por que vocês se consideram uma comunidade? O que é para vocês o seu modo de vida comunitário? Como essa comunidade vive coletivamente?
- Vocês consideram que seu modo de vida comunitário, no seu estado atual, é sustentável nos próximos dez a vinte anos? Por quê?
- Que aspectos atuais da dinâmica comunitária estão vulneráveis e poderiam comprometer a sustentabilidade da comunidade no futuro? Por quê?
- Existe qualquer aspecto, associado à organização política, produção, agrobiodiversidade (sementes/raças localmente adaptadas), alimentação, saúde, educação, transporte (mobilidade humana), água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte, que já preocupa a comunidade hoje, ou pode ser uma preocupação no futuro próximo, quanto à sua contribuição ao futuro do grupo de famílias?
- Se um Projeto de Vida Comunitário, construído por vocês, para vocês e com vocês, sob a Coordenação de Facilitadoras/es da própria comunidade e de algumas instituições parceiras, pode reorientar o seu modo de vida comunitário, quanto à sua organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte, água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte, vocês consideram que vale a pena construir um para sua comunidade?
- Se a comunidade decidir construir seu Projeto de Vida Comunitário, que princípios devem orientar o processo? Por exemplo, o princípio **da participação**, no qual todos da comunidade têm o direito de contribuir com perguntas, críticas e sugestões apropriadas para o processo de construção coletiva do Projeto de Vida Comunitário? Que outros princípios devem pautar o comportamento das/dos participantes, inclusive de Facilitadoras/es do processo?
- Como estará a comunidade dez anos depois se não construir seu Projeto de Vida Comunitária no presente, ou seja, para a comunidade, quais serão as implicações de não ter um Projeto de Vida Comunitário para reorientar suas iniciativas atuais e inspirar suas iniciativas futuras?



## Momento-2: Representação histórica do passado comunitário.

Premissas — *verdades* — inspiradoras, **sobre o passado**. O Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão entende que: (a) não existe apenas um passado universal, objetivo, fixo, neutro, guardado no armário da história, de tal forma que todo aquele que abre esse armário encontra o mesmo passado; (b) existem tantos passados quantos são os seus intérpretes; (c) a única forma de acessar o passado é reinterpretando-o; e (d) a melhor reinterpretação do passado é a que tiver o maior número de seguidores.

*De onde viemos, como comunidade?* Por serem portadores da memória histórica da comunidade, os mais sábios (mais antigos / sábios) lideram a construção de respostas nesse momento metodológico. Anciãos/Anciões lideram a reconstrução oral da origem da comunidade, contam as histórias de como tudo começou e evoluiu até os dias atuais. Todos os demais podem e devem fazer perguntas a eles para estimular sua memória na busca de detalhes historicamente distantes, mas que hoje podem facilitar a compreensão do por que a comunidade é como é, por que a comunidade tem o que tem, por que a comunidade está como está. Eles têm a memória histórica e cultural da comunidade.

O passado comunitário deve ser sintetizado em uma ou mais folhas de cartolina (coladas, da mesma cor), para representar, com desenhos, palavras e números, aspectos geográficos, ambientais, sociais, econômicos, culturais, históricos, institucionais, mais importantes da comunidade nas primeiras décadas de sua formação original. Os mais antigos (Anciãos / Anciões) decidem o ano do nascimento da comunidade (10, 20, 50, 100 ou 200 anos atrás: Em Nova Russas-CE, a **Comunidade Irapuá** nasceu em 1820; em Serra Talhada-PE, a **Comunidade Pilãozinho** nasceu em 1850) e orientam a representação gráfica da comunidade naquele tempo. A representação gráfica deve ser realizada por uma ou mais pessoas da comunidade que têm facilidade (talento) para o desenho gráfico. Quando a representação visual estiver satisfatória, Facilitadoras/es orientam o uso de folhas de papel comum, nas quais serão contadas (escritas), por exemplo, as histórias particulares da organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde,

educação, cultura/lazer, infraestrutura/serviços, água, mobilidade humana, esporte, da/na comunidade no passado. Como **só sabe para onde vai quem sabe de onde vem**, revisitar a história é uma oportunidade para as famílias, principalmente para seus jovens, de reconstruir de forma interativa uma compreensão coerente da gênese e trajetórias, social, política, cultural, produtiva, institucional, da comunidade. A reconstrução histórica da comunidade é uma fonte de emoção, paixão e compromisso coletivos:

*“Eu nem sabia que minha comunidade começou a sua história em 1820. Achei muito massa saber como foi que tudo começou...saber de onde venho” (Francisca Juliana de Carvalho, jovem da Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 18/10/2018).*

*“Foi muito bacana trabalhar com os mais velhos na construção da história da comunidade. Com jovens e idosos trabalhando juntos melhorou o respeito nosso por eles e a relação deles com a gente. Como eu estudo, fiquei feliz com a oportunidade de contribuir com o pouco que aprendi sobre Agroecologia... Eu sugeri a restauração das matas ciliares do rio que sempre foi a principal fonte de sustentabilidade dessa comunidade e de duas comunidades vizinhas, mas que hoje já não consegue sustentar nem sequer a nossa. Meus pais ficaram muito orgulhosos com a minha participação no processo. Agora, todos que participamos ativamente..., desde o começo, nos sentimos muito orgulhosos de ser daqui de Pilãozinho.” (Marcelo Nunes Corte, jovem da Comunidade Pilãozinho, Serra Talhada-PE; 21/11/2018).*

## Perguntas sugeridas

- Quando e como nasceu a **comunidade**? Quem foram os atores sociais principais envolvidos na criação da comunidade em seu começo? A comunidade estava organizada politicamente para reivindicar seus direitos em seu início? Se estava organizada politicamente, qual era a sua forma de **organização política**?
- Quantas **famílias** existiam (quais?) nos primeiros anos da comunidade? Desse total, quais eram as percentagens (%) de idosos, adultos, jovens

e crianças? Que porcentagem (%) da área geográfica era coberta de **Caatinga** (vegetação nativa)? Que porcentagem (%) da área total era área de **pastagem** destinada à alimentação dos animais? Qual era a **alimentação dos animais** em anos de inverno regular e em anos de estiagens fortes? *[Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].*

- Qual era a situação da **produção** (vegetal, animal, artesanal) no início da comunidade, em termos de agricultura, pecuária, criações, outras atividades derivadas do mundo rural? Que produziam (grãos, fibras, tubérculos, leite, ovos, carne, peixe)? Como produziam (tipos de tecnologias e de insumos, com mão de obra familiar ou contratada)? Da produção total, que porcentagem (%) produziam para comer, que porcentagem (%) produziam para vender? *[Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].*
- Qual era a situação da **agrobiodiversidade** (EXPLICAR o que é: geralmente sementes, para o caso de vegetais, e raças, para o caso de animais) adaptada localmente para a agricultura praticada pela comunidade? De cada tipo de semente que a comunidade plantava, que porcentagem (%) do total plantado era de sementes próprias (crioulas), e que porcentagem (%) era de sementes adquiridas? Onde e de quem adquiriam as sementes? Como preservavam/conservavam as sementes próprias (crioulas), ou seja, quais eram as técnicas utilizadas para guardar/conservar as sementes para plantios futuros? *[Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].*
- Qual era a situação da **alimentação** nos primeiros anos da comunidade? Que comiam, em termos de grãos, frutas, verduras, tubérculos? O que compravam para comer, porque não produziam, e onde compravam de quem?
- Qual era a situação da **saúde** nos primeiros anos da comunidade? Que plantas medicinais cultivavam em seus quintais e que tipos de doenças eram tratadas com essas plantas medicinais? Onde tratavam as doenças mais graves? O que faziam no caso de uma emergência de saúde? A que instituição a comunidade recorria nessas emergências? Por quê?

- Qual era a situação da **educação** nos primeiros anos da comunidade? Onde e como estudavam as filhas, os filhos e os adultos das primeiras famílias da comunidade? Que tipo de educação existia naquele tempo e onde estava localizada a escola mais próxima?
- Qual era a situação do **transporte** (mobilidade humana) nos primeiros anos da comunidade? Como se deslocavam para pequenas e grandes distâncias?
- Qual era a situação da **água** nos primeiros anos da comunidade? Quais e quantas eram as fontes de água para o consumo humano, animal, vegetal (irrigação)?
- Qual era a situação da **infraestrutura/serviços** (estradas, bens duráveis [exemplos: carro, motocicleta, bicicleta, rádio, televisão, geladeira, fogão a gás], caminhos, energia, escola, posto de saúde, correios, crédito rural, pesquisa agropecuária, extensão rural e assistência técnica, assistência sindical, espaços para a prática de esportes) nos primeiros anos da comunidade?
- Qual era a situação da **cultura/lazer** nos primeiros anos da comunidade? Que valores, rituais, símbolos, Santos/Santas, festas folclóricas, eram valorizados pela comunidade em seus primeiros anos? Quando começou a surgir uma cultura própria da comunidade (como surgiram os aspectos culturais criados pela comunidade)? Por exemplo, algumas comunidades criaram a “festa do ou da...”, “dia do ou da...”. Existiu algum lugar (um Lajedo) ou algo (uma Árvore) historicamente muito importante, cuja história particular marcou a história mais ampla da própria comunidade? Como se divertia a comunidade (vaquejadas, festa da Padroeira)? [Facilitadoras/es podem manter cultura/lazer juntos, ou abordá-los separadamente, ou juntar lazer e esporte].
- Qual era a situação do **esporte** nos primeiros anos da comunidade? Que esportes praticavam as/os jovens da comunidade?

### Momento-3: Representação crítica do presente comunitário

Premissas — *verdades* — inspiradoras, **sobre o presente**. O Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão entende que: (a) o presente é o futuro do passado; (b) não se pode retroagir na história para reverter determinadas decisões e ações que construíram o presente que temos; (c) pode-se aprender com o passado, mas não se pode mudar o presente; (d) tudo o que fazemos no presente constrói o futuro.

*Quem somos, como comunidade?* Os adultos que hoje lideram a dinâmica comunitária devem inspirar e orientar a representação gráfica do presente comunitário. Todos os demais podem e devem fazer perguntas a esses adultos, para que eles não esqueçam determinados aspectos materiais, ambientais, sociais, culturais, políticos, institucionais, do presente comunitário, alguns dos quais são fonte de orgulho da comunidade e outros que são motivo de preocupação quanto ao futuro da comunidade. O presente comunitário deve ser sintetizado em uma ou mais folhas de cartolina (coladas, da mesma cor), para representar, com desenhos, palavras e números, os aspectos geográficos, ambientais, sociais, econômicos, culturais, históricos, institucionais, mais importantes da comunidade atualmente. Quando a representação visual estiver satisfatória, Facilitadoras/es orientam o uso de folhas de papel comum, nas quais será escrito o estado atual da produção, alimentação, água, educação, saúde, cultura, infraestrutura/serviços, transporte, esporte/lazer, na comunidade. Como a identidade comunitária e o sentido da vida coletiva são fatores relevantes na formação de compromissos com o futuro das famílias de uma comunidade, a avaliação crítica do presente abre a possibilidade das famílias encontrarem motivos tanto de orgulho quanto de preocupação, o que as prepara para, em seu Projeto de Vida Comunitário, continuar cultivando os fatores constitutivos de seu orgulho comunitário e iniciar ações para o manejo e eventual superação dos fatores constitutivos de sua preocupação coletiva. Esse momento do processo causa surpresa:

*“A gente teve um choque danado no começo. Eu mermo tive um pesadelo com essa história de que nói num pode mudá o presente. Aí eu pensei...e agora? Depois foi que a gente entendeu melhó. Nói já fizemo o presente, o que falta é nós fazê o futuro...começando agora mermo” (Marimar Cassiano de Farias,*

*Representante do Grupo de Mulheres do Quilombo Serra Feia, Cacimbas-PB; 25/05/2017).*

*“O que mais gostei no Projeto foi que o conhecimento e as experiências da comunidade foram valorizadas. Aí deu confiança pra nós também valorizá o conhecimento e as experiências de outras comunidades, que os Facilitadores traziam pra nós” (Vicente Pinto de Carvalho Neto, Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 18/10/2018).*

## Perguntas sugeridas

- Qual é a **organização política** da comunidade (Como está organizada? Criou alguma forma de associação ou de instituição) atualmente? Quantas **famílias** hoje vivem na comunidade e participam da vida comunitária? Desse total, quais são as percentagens (%) de idosos, adultos, jovens e crianças? Que percentagem (%) da área geográfica total é coberta de **Caatinga** (vegetação nativa) hoje? Que percentagem (%) da área total é área de **pastagem** destinada à alimentação dos animais? Qual é a **alimentação dos animais** em anos de inverno regular e em anos de estiagens fortes, como nos últimos cinco anos? [Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].
- Qual é a situação atual da **produção** (vegetal, animal, artesanal) da comunidade, em termos de agricultura, pecuária/criações, outras atividades derivadas do mundo rural? Que produzem (grãos, fibras, tubérculos, leite, ovos, carne, peixe)? Como produzem hoje (agronegócio ou agricultura familiar, monocultivos ou consórcios, enfoque agroquímico ou enfoque agroecológico, tecnologias modernas importadas ou tecnologias localmente apropriadas)? Do total, que percentagem (%) produzem para comer, que percentagem (%) produzem para vender? [Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].
- Qual é a situação atual da **agrobiodiversidade** (EXPLICAR o que é: geralmente sementes, para o caso de vegetais, e raças, para o caso de animais) adaptada localmente para a agricultura praticada pela comunidade? De cada tipo de semente que a comunidade planta, que percentagem (%)

do total plantado é de sementes próprias (crioulas), e que porcentagem (%) é de sementes adquiridas? Onde e de quem adquirem as sementes? Como preservam/conservavam as sementes próprias (crioulas), ou seja, quais são as técnicas utilizadas para guardar/conservar as sementes para plantios futuros? *[Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].*

- Qual é a situação atual da **alimentação** da comunidade? Que mudou na alimentação em relação ao passado? Que comem, em termos de grãos, frutas, verduras, tubérculos? Que compram para comer, porque não produzem o que compram?
- Qual é a situação atual da **saúde** na comunidade? Que plantas medicinais cultivam em seus quintais e que tipos de doenças mais comuns tratam com essas plantas medicinais? Onde tratam as doenças mais graves? O que fazem no caso de uma emergência de saúde? A que instituição a comunidade recorre nessas emergências? Por quê?
- Qual é a situação atual da **educação** na comunidade? Onde e como estudam as filhas, os filhos e os adultos das famílias da comunidade? Que nível/grau de educação existe disponível para a comunidade e onde está localizada a escola mais próxima?
- Qual é a situação atual do **transporte** (mobilidade humana) na comunidade? Como se deslocam as mulheres e homens, jovens e idosos, para as pequenas e grandes distâncias?
- Qual é a situação atual da **água** na comunidade? Quais e quantas são as fontes de água para o consumo humano, animal, vegetal (irrigação), e qual é o estado atual de vulnerabilidade-sustentabilidade dessas fontes de água?
- Qual é a situação atual da **infraestrutura/serviços** (estradas, bens duráveis [exemplos: carro, motocicleta, bicicleta, rádio, televisão, geladeira, fogão a gás], caminhos, energia, escola, posto de saúde, correios, crédito rural, pesquisa agropecuária, extensão rural e assistência técnica, assistência sindical, espaços para a prática de esportes) na comunidade?
- Qual é a situação atual da **cultura/lazer** na comunidade? Que valores, rituais, símbolos, Santos/Santas, festas folclóricas, são valorizados pela

comunidade hoje? Existe uma cultura própria da comunidade (aspectos culturais criados pela comunidade)? Por exemplo, algumas comunidades criaram a “festa do ou da...”, “dia do ou da...”. Existe algum lugar (um Lajedo) ou algo (uma Árvore) historicamente muito importante, cuja história particular ainda marca a história mais ampla da própria comunidade? Como se diverte a comunidade (vaquejadas, festas juninas)? [Facilitadoras/es podem manter cultura/lazer juntos, ou abordá-los separadamente, ou juntar lazer e esporte].

- Qual é a situação atual do esporte na comunidade? Que esportes praticam as/os jovens da comunidade?

#### **Momento-4: Representação prospectiva do futuro comunitário**

Premissas — *verdades* — inspiradoras, **sobre o futuro**. Segundo o Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão: (a) o futuro não existe de forma objetiva, fixo, onde tudo será positivo, tudo será negativo ou tudo continuará como hoje; (b) o futuro não está pronto e melhor, esperando-nos numa esquina do tempo, de tal forma que todo aquele que dobrar essa esquina encontrará o mesmo futuro; (c) a única forma de acessar o futuro é primeiro imaginando o futuro que queremos para só depois construí-lo; (d) a construção do futuro de uma comunidade rural exige um esforço coletivo comprometido com a sua felicidade e a sustentabilidade de seu modo de vida comunitário.

*Para onde vamos (como queremos ser/estar, que queremos ser/ter), como comunidade?* As/os jovens de hoje devem liderar a representação gráfica do futuro comunitário. Em 2030, eles serão os adultos que liderarão a dinâmica comunitária na qual o futuro do modo de vida cultivado por suas filhas e filhos e futuros netos e netas, bisnetos e bisnetas, será vulnerável ou sustentável. Para isso, as/os jovens devem participar ativamente de todos os momentos metodológicos anteriores, para que sua imaginação seja influenciada principalmente pela trajetória histórica e situação atual de sua comunidade. Todos os demais podem e devem fazer perguntas a essas/es jovens, para que elas/eles possam sonhar e propor, mas que seus sonhos e propostas sejam comprometidos com um futuro possível de ser construído para o **Bem Viver**



**comunitário:** *uma comunidade feliz com um modo de vida sustentável.* O futuro comunitário imaginado deve ser sintetizado em uma ou mais folhas de cartolina (coladas, da mesma cor), para representar, com desenhos, palavras e números, os aspectos geográficos, ambientais, sociais, econômicos, culturais, históricos, institucionais, mais importantes da comunidade em 2030.

A representação gráfica deve ser realizada por uma ou mais pessoas da comunidade que têm facilidade (talento) para desenhar. Quando a representação visual estiver satisfatória, as/os Facilitadoras/es orientam o uso de folhas de papel comum, nas quais serão escritas de forma antecipada as histórias futuras da produção, alimentação, água, educação, saúde, cultura e diversão, infraestrutura e serviços, transporte, esporte, na comunidade, em 2030. Como a construção de um futuro comunitário relevante no Semiárido Brasileiro exige, no momento contemporâneo, considerar algumas transições paradigmáticas imprescindíveis, como a transição agroecológica e a transição do modelo de “combate à seca” à perspectiva da convivência com a semi-aridez da região, as primeiras perguntas devem ser dirigidas a essas transições, para que sua compreensão influencie a concepção das proposições de transformação do modo de vida comunitário. A última pergunta é dirigida às políticas públicas vigentes e seu potencial para viabilizar determinados aspectos do Projeto de Vida Comunitário.

*“No começo foi complicado pra nós discutir o futuro, principalmente para os mais velho. Mais pouco a pouco, com a participação dos jovens...foi ficando mais face. Mais deu muito trabalho. Mais quando um Facilitador disse qui era pra gente sonhar acordado, e disse que era pra gente responder à pergunta: o que é que essa comunidade precisa tê no futuro que hoje ainda não tem e pra nossa de vida comunitara ser mais sustentável? Aí eu sonhei primero com num banco comunitário de semente” (Lúcia Pinto de Carvalho, Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 18/10/2018).*

*“Essa casa tá muito bunita...essa casa tá muito bunita...essa casa tá muito bunita” (Mariza Cassiano de Souza, Representante do Grupo de Jovens do Quilombo Serra Feia, Cacimbas-PB, mostrando uma maquete feita por ela sobre uma casa da comunidade no futuro, com uma cisterna simples para captar água de*

*beber e uma cisterna calçada viabilizando frutas e hortaliças no quintal; 25/05/2017).*

## Perguntas sugeridas

- Para a comunidade, o que é **Agroecologia** e como essa contribuirá (ou já está contribuindo) à sua felicidade e à sustentabilidade de seu modo de vida? [As/os Facilitadoras/es devem explicar, se dominarem o tema, ou convidar alguém para explicar à comunidade, o que é a Agroecologia e quais são as contribuições (culturais, práticas, técnicas) atuais e potenciais para o futuro da comunidade].
- Para a comunidade, o que é a **convivência com o Semiárido** e como as tecnologias sociais de convivência com a semiaridez contribuirão (ou já estão contribuindo) à sua felicidade e à sustentabilidade de seu modo de vida? [Facilitadoras/es devem explicar, se dominam o tema, ou convidar alguém para explicar à comunidade, o que é a convivência com o Semiárido e quais são as contribuições atuais e potenciais das tecnologias sociais para o futuro da comunidade]
- Qual será a forma desejada de **organização política** da comunidade em 2030? Em termos estimativos, quantas **famílias** viverão na comunidade e participarão da vida comunitária em 2030? Desse total estimado, quais serão as percentagens (%) mais prováveis de idosos, adultos, jovens e crianças? Que porcentagem (%) da área geográfica total será coberta de **Caatinga** (vegetação nativa)? Que porcentagem (%) da área total será área de **pastagem** destinada à alimentação dos animais? Qual será a **alimentação dos animais** em anos de inverno regular e em anos de estiagens fortes? [*Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo*].
- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **produção** (vegetal, animal, artesanal) na comunidade, em termos de agricultura, pecuária, criações, outras atividades derivadas do mundo rural? Que desejam produzir em 2030 (grãos, fibras, tubérculos, leite, ovos, carne, peixe)? Qual é a forma desejada de produzir em 2030 (agronegócio ou agricultura familiar, monocultivos ou consórcios, enfoque agroquímico ou enfoque agroecológico)?

Da produção total, que porcentagem (%) desejam produzir para comer, que porcentagem (%) desejam produzir para vender (onde venderão) em 2030? *[Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].*

- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **agrobiodiversidade** (EXPLICAR o que é: geralmente sementes, para o caso de vegetais, e raças, para o caso de animais) adaptada localmente para a agricultura praticada pela comunidade? De cada tipo de semente que a comunidade plantará, que porcentagem (%) do total plantado será de sementes próprias (crioulas), e que porcentagem (%) será de sementes adquiridas? Onde e de quem vão adquirir as sementes? Como vocês preservarão/conservarão as sementes próprias (crioulas), ou seja, quais as técnicas que utilizarão em 2030 para guardar/conservar as sementes próprias para plantios futuros? *[Se a % de uma pergunta for difícil de calcular, a comunidade não tem a obrigação de fazê-lo].*
- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **alimentação** da comunidade? Que desejam comer em 2030, em termos de grãos, frutas, verduras, tubérculos? Que comprarão para comer, porque não produzirão, e onde comprarão de quem?
- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **saúde** na comunidade? Que plantas medicinais cultivarão em seus quintais e que tipos de doenças mais comuns tratarão com essas plantas medicinais? Onde tratarão as doenças mais graves? O que farão no caso de uma emergência de saúde? A que instituição a comunidade recorrerá nessas emergências? Por quê?
- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **educação** na comunidade? Onde e como estudarão as filhas, os filhos e os adultos das famílias da comunidade? Que nível/grau de educação existirá disponível para a comunidade e onde estará localizada a escola mais próxima?
- Qual é a situação desejada, em 2030, para **transporte** (mobilidade humana) na comunidade? Como se deslocarão as mulheres e homens, jovens e idosos, para as pequenas e grandes distâncias?
- Qual é a situação desejada, em 2030, para **água** na comunidade? Quais e quantas serão as fontes de água para o consumo humano, animal, ve-

getal (irrigação), e qual será o estado de vulnerabilidade/sustentabilidade dessas fontes de água?

- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **infraestrutura/serviços** (estradas, bens duráveis [exemplos: carro, motocicleta, bicicleta, rádio, televisão, geladeira, fogão a gás], caminhos, energia, escola, posto de saúde, correios, crédito rural, pesquisa agropecuária, extensão rural e assistência técnica, assistência sindical, espaços para a prática de esportes) na comunidade?
- Qual é a situação desejada, em 2030, para a **cultura/lazer** na comunidade? Que valores, rituais, símbolos, Santos, Santos, festas folclóricas, serão valorizados pela comunidade? Existirá uma cultura própria da comunidade (aspectos culturais criados pela comunidade)? Por exemplo, algumas comunidades realizam a “festa do ou da...”, “dia do ou da...”. Existirá um lugar (um Lajedo) ou alguma coisa (uma Árvore) historicamente importante, cuja história particular continuará marcando a história da comunidade? Quais serão as opções de diversão para a comunidade (vaquejadas, festas juninas)? [Facilitadoras/es podem manter cultura/lazer juntos, ou abordá-los separadamente, ou juntar lazer e esporte].
- Qual é a situação desejada, em 2030, para o **esporte** na comunidade? Que tipos de esportes serão praticados pelas/os jovens da comunidade?
- Entre as **políticas públicas** vigentes (existentes hoje), quais podem viabilizar aspectos do futuro comunitário? [As/os Facilitadoras/es devem explicar, se dominarem o tema, ou convidar alguém para explicar à comunidade, quais são as políticas públicas vigentes e suas contribuições atuais e potenciais para viabilizar seu Projeto de Vida Comunitário].
- Que **políticas públicas** (ainda não existentes) deveriam existir para viabilizar o Projeto de Vida Comunitário antes de 2030?

## **Momento-5: Processos históricos transformadores da realidade comunitária**

*Por que, no presente, somos/estamos diferentes do passado? Não é suficiente saber quem éramos e como estávamos no passado, nem o que so-*

mos nem como estamos hoje. É imprescindível compreender os processos responsáveis pelas transformações, positivas e negativas, que aconteceram ao longo da história da comunidade ou assentamento, que hoje explicam porque nosso presente é diferente de nosso passado, para melhor ou para pior. Identificados os processos históricos transformadores da realidade local, é necessário identificar os atores que impulsionaram esses processos e os atores que resistiram a esses processos. Com essa compreensão, a comunidade saberá com quem contar no futuro e quem evitar em suas estratégias, dependendo dos processos que deverá implementar para realizar o seu Projeto de Vida Comunitário. Esse momento metodológico é liderado outra vez pelos mais antigos, que têm a memória histórica da comunidade.

*“Se num fosse os mais velho nós num tinha intendido como os problema de hoje surgiro lá no passado... Ficamo valorizando os mais velho, principalmente as mulhé..., aqui fôro as anciã que mais participó” (Marimar Cassiano de Farias, Representante do Grupo de Mulheres da Comunidade Quilombo Serra Feia, Cacimbas-PB, 07/12/2018.*

## Perguntas sugeridas

- **Que processo/ação ou processos/ações** (dar nome/identificar os processos positivos/negativos) ocorreram, dos quais resultaram as transformações (positivas, negativas) da realidade comunitária? Por exemplo, é comum que o processo de expansão de monocultivos ou criação extensiva de animais ocorra com desmatamento para abrir espaço para a penetração da referida lavoura ou da pastagem para alimentação da referida criação, como foi o caso do **Município de Areia-PB**. A cidade de Areia, PB, foi abastecida por carros-pipas em anos recentes de estiagens, porque a expansão da cana-de-açúcar e da **pecuária**, 1970-1990, resultou no desmatamento de mais de 50% das matas originais que faziam daquele Município um dos mais chuvosos do Brejo paraibano. Essa é a explicação de por que Areia, sem problemas de abastecimento de água antes de 1990, foi refém da “indústria da seca” e seus carros-pipas, entre 2005 e 2016, até que o problema foi superado com a ativação recente de uma adutora para trazer água de uma grande barragem existente no próprio município.

- **Que atores** impulsionaram esse processo/ação ou processos/ações (dar nome/identificar os processos positivos, negativos) e quais resistiram a tudo isso? Por exemplo, no caso do Município de Areia-PB, os donos de usinas para a produção de açúcar e álcool e os donos de engenhos de cana-de-açúcar foram os impulsionadores paraibanos do processo de expansão da cana-de-açúcar, enquanto os fazendeiros latifundiários foram os impulsionadores paraibanos da pecuária em Areia, através do desmatamento em ambos os processos. As/os agricultores familiares e as/os trabalhadores rurais foram as/os que mais resistiram a ambos os processos, porque esses destruíam seus modos de vida. Sob pressão, venderam suas pequenas glebas e ficaram sem ter onde produzir o sustento da família.

## **Momento-6: Processos futuros transformadores da realidade comunitária**

*Como viabilizar a imagem futura da comunidade em 2030?* Se o futuro não existe, tem que ser construído coletivamente, uma comunidade deve se colocar no lugar de um arquiteto que necessita imaginar e desenhar a casa antes dela existir, como já o fez no momento metodológico-4. Agora, o desafio é imaginar os processos transformadores que devem ocorrer para que em 2030 a comunidade esteja muito parecida com a imagem da comunidade futura desejada no momento metodológico-4. No momento metodológico-5, anterior, foram identificados os processos que transformaram o passado e construíram (positivamente, negativamente) o presente comunitário. No exemplo do caso do Município de Areia-PB, os processos de expansão da cana-de-açúcar e da pecuária, com desmatamento, foram responsáveis pela construção de seu presente dependente de carros-pipas para seu abastecimento de água potável recentemente. Nesse mesmo caso, para construir outro futuro para Areia-PB, uma “Areia sem carros-pipas”, seria inevitável incluir, entre as propostas, um processo de reflorestamento de grande parte daquele Município. Portanto, no momento metodológico-6, as famílias da comunidade ou assentamento devem imaginar e propor os processos/ações que podem transformar em realidade a imagem da comunidade que aspiram no futuro. Por exemplo, se no passado recente a área de Caatinga foi desmatada em uma grande porcentagem da área geográfica total, ou às margens de um rio

importante para a comunidade, e se a comunidade aspira ter grande parte dessa mesma área, ou das margens do rio, recuperada para que seu modo de vida seja sustentável no futuro próximo, as famílias necessitam praticar o **verbo re-caatingar** (em vez de reflorestar) e propor o plantio de espécies nativas para recuperar parte da cobertura vegetal original perdida, talvez criando um viveiro de espécies nativas na área comum da própria comunidade.

*“Depois de examiná o passado, a gente entendeu de onde vinha os problemas que a gente tem hoje. Aí ficou fácil imaginá o que temo que fazer pra resolvê...Eu gostei do ditado que diz: só sabe adonde vai quem sabe de adonde vem” (Cícera Jacinta de Lima, Agricultora da Comunidade Pilãozinho, Serra Talhada-PE; 25/05/2017).*

## Perguntas sugeridas

- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **organização política** da comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **produção** da comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **agrobiodiversidade** na comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **alimentação** da comunidade em 2030, incluindo também a alimentação dos animais?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **saúde** na comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **educação** na comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura do **transporte** (mobilidade humana) na comunidade em 2030?

- Que processo/ação ou processos/ações (de captação, armazenamento, conservação/preservação, uso/reúso eficiente/econômico, de água) devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **água** na comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **infraestrutura/serviços** na comunidade em 2030?
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura da **cultura/lazer** na comunidade em 2030? [Facilitadoras/es podem manter cultura/lazer juntos, ou abordá-los separadamente, ou juntar lazer e esporte].
- Que processo/ação ou processos/ações devem ocorrer para viabilizar a imagem futura do **esporte** na comunidade em 2030?

## **Momento-7: Potencialidades para viabilizar o Projeto de Vida Comunitário**

*O Semiárido Brasileiro é uma “região problema” ou uma região viável?* Desde o período da ocupação do Semiárido Brasileiro, durante a colonização, foi “fabricada” uma visão da região como possuindo apenas “adversidades”. A maioria dos programas oficiais para “desenvolver” a região eram apenas listas de “problemas” a serem superados. Como consequência, o nome da região ficou vinculado à palavra “problema”. Hoje, o Semiárido está ausente na maioria dos livros didáticos e nas notícias midiáticas; e, quando é incluído, tanto nos livros quanto na mídia, a imagem que emerge de sua representação é geralmente a de uma **região problema** cheia de **adversidades** insuperáveis. Essa representação vem geralmente acompanhada do “problema único” do Semiárido Brasileiro, a “seca”, e da solução única para combatê-la, a “solução hidráulica”: grandes açudes em grandes propriedades rurais (latifúndios) que viabilizam a “indústria da seca” e seus carros-pipas que, por sua vez, viabilizam a troca de água por votos.

Porém, com a emergência de movimentos e organizações sociais atuando no Semiárido, alguns dos quais com origem no mundo rural e na dinâmica comunitária, várias iniciativas estão em curso para transformar aquela visão negativa na visão da **região viável**, plena de **potencialidades** humanas, naturais,



sociais, culturais, históricas, econômicas, políticas, institucionais. Essa representação é influenciada pela perspectiva da Convivência com o Semiárido (Conferência..., 2006; Diretrizes..., 2013) e pela disponibilidade de muitas tecnologias sociais que viabilizam grande parte dessa convivência (Diretrizes..., 2013; Silva; Pannels, 2019): cisternas de placas, cisternas calçadão, tanque calçadão, plantas medicinais, barragens subterrâneas, quintais produtivos, técnicas para reúso de águas servidas, reciclagem de lixo, algodão Mocó, energias renováveis (energia solar, energia eólica, biogás), sementes/raças crioulas, bancos comunitários de sementes, consórcios agroalimentares agroecológicos, economia doméstica (galinha de capoeira, peixe, ovos, leite, verduras, frutas), artesanato, barraginhas locais, capineiras, mecanização à tração animal, silos trincheiras, plantas xerófilas (que guardam água nas raízes, como o Umbuzeiro), feiras agroecológicas, poços. Se a comunidade aspira um futuro diferente e mais relevante para seu grupo de famílias, seu esforço mais importante, antes de iniciar a implementação de seu Projeto de Vida Comunitário, é avaliar coletivamente as potencialidades existentes para a comunidade viabilizar as promessas feitas para 2030.

*“Nós era cego para muitas potencialidade da comunidade. Esse Projeto fez uma cirurgia na vista da gente. Inclusive, agora tá claro que nós somo a principal potencialidade da comunidade Irapuá” (Antônia Francisco Pinto de Carvalho Neto, Presidente da Associação da Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 18/10/2018).*

*“As mulheres de Irapuá se sintiro valorizada...a gente participô ativamente nas coisa do passado, do presente e do futuro” (Antônia Marques de Carvalho, Presidente do Grupo de Artesanato da comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 18/10/2018).*

## Perguntas sugeridas

- Quais são as **potencialidades** que a comunidade já dispõe para construir determinados aspectos (quais?) de seu Projeto de Vida Comunitário, conforme suas aspirações quanto ao futuro de sua organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte, água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte? São aspectos/fatores

que a comunidade já dispõe e, portanto, não necessita pedir a nenhum ator institucional externo.

- Quais são as **potencialidades** que a comunidade não dispõe, mas necessitará para construir determinados aspectos (quais?) de seu Projeto de Vida Comunitário, conforme suas aspirações quanto ao futuro de sua organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte, água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte? São aspectos/fatores que a comunidade necessitará, mas não dispõe, para viabilizar determinadas partes de seu Projeto de Vida Comunitário, necessitando identificar atores institucionais externos cujos mandatos incluem apoiar comunidades naqueles aspectos/fatores.

## **Momento-8: Dificuldades para viabilizar o Projeto de Vida Comunitário**

*Que é um problema?* Na metodologia de construção coletiva de Projetos de Vida Comunitários, um problema só é um “problema” se limitar ou impedir a comunidade de mobilizar uma ou mais de suas potencialidades, já existentes localmente, para construir certos aspectos de seu futuro comunitário. São aspectos/fatores que funcionam como obstáculos ao uso de uma ou mais das potencialidades já existente na comunidade para viabilizar uma ou mais partes de seu Projeto de Vida Comunitário.

*“Foi muito interessante a gente mudar a forma de olhá um problema. Antes desse Projeto, toda dificuldade da comunidade era vista como um problema. Agora mudou. Agora, nós primero procura pelas potencialidade que nós já tem, porque algumas dela são a solução para trabalhá muitas dificuldade” (Claudevan José dos Santos, da Comunidade Santa Rita, Serra Talhada-PE, participando de uma Oficina na Comunidade Pilãozinho, Serra Talhada-PE; 25/05/2017).*

## **Perguntas sugeridas**

- Quais são os “problemas” (obstáculos) concretos locais que podem impedir a comunidade de mobilizar uma ou mais das potencialidades existen-

tes para construir certos aspectos de seu futuro comunitário, em associação com suas propostas para o futuro da organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte (mobilidade humana), água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte?

- Quais desses “problemas” (obstáculos) concretos locais, **a comunidade pode resolver/superar** sem apoio externo?
- Quais desses “problemas” (obstáculos) concretos locais, **a comunidade não pode resolver/superar** sem apoio externo?

## Momento-9: Matriz institucional implicada no Projeto de Vida Comunitário

*“Com esse Projeto a gente descobriu que as instituição pública existe pra servir também a nós do campo e não só os da cidade. Agora nós sabe que elas trabalham com dinheiro da sociedade pra também nos ajudá a ser cidadão no campo. Por isso, nós vamo convidá essas instituição pra conhecer nosso Projeto de Vida Comunitário e pra planejar a forma como elas vão ajudar a gente a tirar do papel para a realidade as ações mais importante pra gente construí o futuro da comunidade” (Antônia da Costa Carvalho, Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 25/05/2017).*

Que instituições podem apoiar a implementação do Projeto de Vida Comunitário? Em qualquer município do Brasil e do Semiárido Brasileiro atuam instituições públicas (federais, estaduais, municipais) e sociais, muitas das quais têm um mandato que se vincula a um ou mais aspectos da realidade de qualquer comunidade rural. Nesse momento metodológico, a comunidade necessita identificar essa matriz institucional e fazer um mapa dos mandatos vinculados ao seu Projeto de Vida Comunitário.

## Perguntas sugeridas

- Quais são as instituições públicas (federais, estaduais, municipais) e sociais que atuam no Município, ao qual a comunidade pertence, e cujos mandatos estão vinculados parcial ou exclusivamente ao mundo rural?

- Qual é o mandato (função) institucional de cada uma dessas instituições? Quais são os produtos e serviços que essas instituições dispõem, voltados para o mundo rural?
- Quais dessas instituições têm mandato vinculado a qual ou quais das **potencialidades** que a comunidade vai necessitar, mas não dispõe, para viabilizar seu Projeto de Vida Comunitário, em associação com o futuro de sua organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte (mobilidade humana), água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte?
- Quais dessas instituições têm mandato associado a qual ou quais dos **problemas** que estão além da capacidade da comunidade para resolver/superar sem apoio externo, para viabilizar seu Projeto de Vida Comunitário, em associação com o futuro de sua organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte (mobilidade humana), água, infraestrutura/serviços, cultura/lazer, esporte?
- Quais dessas instituições executam quais **políticas públicas** que interessam à comunidade, porque podem contribuir à implementação de determinados aspectos (quais?) de seu Projeto de Vida Comunitário?

## **Momento-10: Divisão de responsabilidades dentro da comunidade**

O Projeto de Vida Comunitário está quase concluído. A comunidade é mobilizada para que o mesmo seja socializado entre todas e todos que participam de sua construção. Ao final da socialização, a comunidade deve proceder a uma divisão de trabalho, discutindo e distribuindo responsabilidades entre todas e todos. Chegou a hora de definir quem vai fazer o que na implementação do Projeto de Vida Comunitário, cada um de acordo com suas possibilidades e habilidades. Cada membro da comunidade deve ser vinculado a uma ou mais responsabilidades, sempre em pequenos grupos, nunca individualmente, para que cada um se sinta participando da construção do futuro comunitário de forma associativa. Os benefícios futuros interessam a cada uma das famílias, mas a construção desses benefícios está além da capacidade de qualquer família produzi-los de forma isolada. São 'bens comuns' gerados

socialmente, que só podem ser construídos de forma associativa, através de um Projeto de Vida Comunitário. Um indivíduo pode participar em mais de um grupo responsável por uma tarefa determinada.

Cada grupo particular, que lidera uma das grandes responsabilidades no processo de implementação do Projeto de Vida Comunitário, pode e deve envolver outros indivíduos da comunidade na execução de pequenas tarefas particulares, sempre que esses indivíduos tenham a habilidade para a referida tarefa e quando nenhum membro do pequeno grupo domine essa habilidade particular. Cada grupo pode convidar um ou mais parceiros institucionais, externos à comunidade, cujos mandatos estejam necessariamente vinculados à responsabilidade particular do referido grupo.

*“Vai chegar a hora da porca troçê o rabo. Nós temo que nos uní pra levar a vante tudo que nós tamo colocando no papé. Tá claro pra nós que ninguém vai chegá aqui pra fazê pro nós o que a gente tá dizendo que precisa pro futuro. Vamo dividir entre nós as responsabilidade que nós mermo escrevemo no nosso projeto de vida comunitaro, cada qual dentro de suas possibilidades” (Seu Joaquim [Joaquim Nunes da Cruz, Comunidade Pilãozinho; 25/05/2017).*

## Perguntas sugeridas

- Quem, entre todas e todos da comunidade, assume a responsabilidade de liderar o esforço coletivo para viabilizar as ações de futuro propostas para a **organização política, produção, agrobiodiversidade, alimentação, saúde, educação, transporte, água, infraestrutura/serviços, cultural/lazer/esporte**, da comunidade? Para cada dimensão, quem tem atitude/habilidade para liderar as ações?
- Quem, entre todas e todos da comunidade, assume a responsabilidade de liderar o esforço coletivo para negociar as **parcerias institucionais** para apoiar a comunidade na implementação de seu Projeto de Vida Comunitário (alguns parceiros por terem seus mandatos institucionais vinculados a uma ou mais das potencialidades que a comunidade não tem, mas vai precisar, e outros por terem seus mandatos institucionais vinculados a um ou mais “problemas” que estão além da capacidade da comu-

nidade para resolver/superar)? Um pequeno grupo deve ser selecionado democraticamente, começando com a pergunta: quem, voluntariamente, gostaria de participar desse grupo, porque tem interesse e sente que tem habilidades para a tarefa?

- Quem, entre todas e todos da comunidade, assume a responsabilidade de monitorar a execução das **políticas públicas**, existentes e a ser criadas, que interessam à comunidade porque podem contribuir na implementação de determinados aspectos de seu Projeto de Vida Comunitário?
- Quem, entre todas e todos da comunidade, assume a responsabilidade de liderar o esforço coletivo para viabilizar o **acompanhamento, avaliação e replanejamento do Projeto de Vida Comunitário** da comunidade, durante a sua implementação? Um pequeno grupo deve ser selecionado democraticamente, começando com a pergunta: quem, voluntariamente, gostaria de participar desse grupo, porque tem interesse e sente que tem habilidades para a tarefa?

## Momento-11: Estratégias para implementar o Projeto de Vida Comunitário

Conceito essencial: **Estratégia comunitária**. Segundo o Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, uma estratégia comunitária é um conjunto de macropassos, numa determinada sequência, cada um articulando atores (de acordo com a atitude atual de cada um —a favor, indiferente, contra— em relação ao propósito da estratégia), fatores (de acordo com a disponibilidade/indisponibilidade, integral ou parcial, de cada fator) e ações (de curto, médio ou longo prazo) para alcançar um propósito relevante num contexto determinado.

Exemplo de uma estratégia indicativa do propósito de conseguir parceiros institucionais para apoiar a implementação de um Projeto de Vida Comunitário, constituída de dois momentos: (a) no primeiro momento, **um almoço**, a comunidade apresenta seu Projeto de Vida Comunitário, a metodologia de sua construção e o quadro resumo das atividades futuras e sua correspondência com os mandatos das Instituições Parceiras convidadas; e, (b) no segundo

momento, **um almoço**, representantes das Instituições Parceiras, que participaram do primeiro almoço, apresentam o Plano de Apoio de sua instituição à implementação do Projeto de Vida Comunitário da comunidade. Antes, a Comunidade realizará uma divisão interna do trabalho, tanto para o planejamento e realização dos dois almoços quanto para definir um Ponto Focal Comunitário para cada uma das ações de futuro que receberá o apoio de um ou mais Parceiros Institucionais. Entre os convidados, poderiam estar presentes um Representante do Ministério Público e, pelo menos, um Comunicador Rural (rádio/televisão) para acompanharem o desempenho das instituições parceiras na implementação daquele Projeto de Vida Comunitário.

*“Pra mim, a Oficina mais interessante durante todo o processo foi essa pra gente aprender a fazer estratégia comunitária. Eu pensava que fazer estratégia era coisa somente pra Dotô formado. Mais deixa que essa capacidade num tem nada a vê com educação na sala de aula. Agora nós pode fazer otras estratégia pra nossa comunidade sem pedir a ninguém pra fazer isso por nós” (Antônia da Costa Carvalho, Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 25/05/2017).*

## **Momento-12: Implementação e avaliação do Projeto de Vida Comunitário**

Quando termina o processo de concepção do Projeto de Vida Comunitário, tem início o processo de sua implementação. Nem toda estratégia pode ser implementada de imediato, algumas são de curto prazo, outras de médio prazo e possivelmente outras são de longo prazo. Por isso é imprescindível definir um grupo de acompanhamento, avaliação e replanejamento do Projeto de Vida Comunitário, que deve imaginar, definir e apresentar à comunidade sua própria estratégia para realizar sua missão de forma permanente. Esse grupo pode mobilizar um ou mais grupos de trabalho, ou mesmo a comunidade toda, quando considerar necessário, seja para comunicar uma preocupação concreta com algum aspecto do processo que pode comprometer a implementação de uma ou mais das propostas do Projeto de Vida Comunitário, seja para sugerir uma correção ou ajuste de alguma ação sendo implementada, mas cujos resultados parciais não estão correspondendo ao esperado,

ou que pode ser realizada de outra forma mais prática, com um custo menor, com um impacto mais relevante, ou uma combinação desses critérios.

*“Eu pensava que a coisa tinha acabado quando a gente termino de fazer o projeto de vida comunitário. Deixa que a coisa começa é agora...e num termina nunca...Nós é que vamo ser os fiscá da gente mermo. O bom também é que a gente pode ajustá o projeto de vida comunitário qualquer dia...qualquer hora que a gente encontrá qualquer motivo que valê a pena” (Vicente Pinto de Carvalho Neto, Comunidade Irapuá, Nova Russas-CE; 18/10/2018).*

*“Que feliz coincidência. Eu estava cursando Mestrado em Agroecologia, na UFPB / CCHSA, Bananeiras-PB, quando soube...desse trabalho com comunidades rurais... através da então Professora Dra. Nair Helena...também Coordenadora do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão, Campina Grande-PB. Então decidi fazer a pesquisa de campo na Comunidade Quilombo Serra Feia...sou do Município, Extensionista da Emater-PB naquele Município e...trabalhava com esse Quilombo. Participei inclusive de todas as Oficinas de formação de Facilitadores comunitários realizadas no Quilombo. Que sorte a minha. Respeito muito esse trabalho...nele as comunidades têm autonomia política para decidir o que é relevante ou não para elas, apropriam-se de elementos conceituais simples que lhes permitem entender seus acertos e equívocos, passados e atuais, e são guiadas pela pedagogia da pergunta na interpretação do passado, avaliação do presente e imaginação do futuro de seu modo de vida rural e de sua dinâmica coletiva, além de serem livres para usar seus saberes e experiências locais. Foi outro Mestrado para mim. Quanta aprendizagem” (Juliana Ferreira Gonçalves, Extensionista da Emater-PB, Cacimbas-PB; 25/05/2017).*



## Conclusão

*“Já tem dois Quilombo perto de nói pidindo pa nói ajudá eles a fazê os projeto de vida comunitaro deles. Isso aconteceu adispô que nói apresentamo o nosso projeto de vida no dia da Consciência Negra...um dia de festa pa todo mundo, da cidade e das comunidade rurá vizinha” (Geraldinho [Geraldo Alves Teixeira], Presidente da Associação do Quilombo Serra Feia, Cacimbas-PB; 25/05/2017).*

*Por que e como construir a convivência com o Semiárido Brasileiro?* Sendo a semiaridez uma condição natural, a perspectiva de iniciativas comprometidas com a felicidade dos povos da região e com a sustentabilidade de seus modos de vida deixa de ser o “combate à seca” e passa a ser a convivência transformadora com esse fenômeno. A construção dessa convivência exige mais do que a adoção de tecnologias sociais para enfrentar estiagens prolongadas quando a distribuição das chuvas é extremamente irregular, geográfica e temporalmente, como em 2012-2017. Enquanto o “combate à seca” é um modelo para viabilizar a solução hidráulica da “açudagem” para o “problema da falta d’água”, a convivência é uma filosofia de vida coletiva. No mundo rural, a convivência com a semiaridez implica transformar modos de vida comunitários, construir outra forma coletiva de ser e sentir, pensar e agir, produzir e consumir, comunicar-se e relacionar-se entre si e com a sociedade e a natureza. No Semiárido Brasileiro, onde a agricultura familiar é constitutiva da maioria dos modos de vida rurais, as comunidades —*tradicionais, indígenas, quilombolas*— necessitam realizar também a transição paradigmática, de uma agricultura familiar convencional a uma agricultura familiar agroecológica. Além das tecnologias sociais, outros tipos de tecnologias —*culturais, políticas, institucionais*— são essenciais para construir a convivência transformadora com a semiaridez (Silva; Panelas, 2019), através de políticas públicas contextualizadas e institucionalizadas como políticas de Estado. O Núcleo de Agroecologia também contribui à compreensão de que um Projeto de Vida Comunitário abre a possibilidade da prática da *Democracia Comunitária*, na qual a comunidade tem autonomia para conceber outras perguntas e construir outras respostas sobre a dinâmica de sua vida coletiva, visando influenciar aspectos do futuro que lhe interessa. Numa

perspectiva histórica, na construção de seu Projeto de Vida Comunitário, uma comunidade tem a oportunidade de revisar tanto sua visão do Semiárido Brasileiro quanto do seu modo de vida comunitário no contexto da semiaridez local. Porém, há uma grande dificuldade cultural para viabilizar um movimento pela construção de Projetos de Vida Comunitários na região. O assistencialismo, paternalismo, tecnicismo, desenvolvimentismo, produtivismo, economicismo, que prevaleceram historicamente, ainda povoam grande parte dos imaginários técnico, político, social, no Brasil, permeando em maior ou menor grau a teoria e a prática dos projetos de desenvolvimento na região, incluindo projetos de desenvolvimento de comunidades rurais (Alves Filho, 1982; Guilherme, 2012). O experimento social do Núcleo de Agroecologia da Embrapa Algodão buscou desenvolver/validar a metodologia para a construção coletiva de Projetos de Vida Comunitários, tendo a comunidade como sujeito político da concepção e implementação de seu futuro coletivo. A fonte de emoção, paixão e compromisso coletivos é o *Bem Viver* rural: o fim para uma comunidade é ser feliz com um modo de vida sustentável (Silva, 2017). No futuro, as histórias de comunidades rurais felizes com modos de vida sustentáveis no Semiárido Brasileiro devem ser contadas por elas próprias. Do contrário, as histórias dessas comunidades continuarão sendo oficialmente contadas por “agentes de desenvolvimento” cujo *modus operandi* as priva do direito de sonhar com outro futuro: seu **Bem Viver rural** construído com seu protagonismo. Até quando? A que custo?

## Referências

ALVES FILHO, A. **Desenvolvimento de comunidade**: uma revisão crítica à luz da teoria da delimitação dos sistemas sociais. 1982. 159 p. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

AMMANN, S. B. **Ideologia do desenvolvimento de comunidade no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1982. 176 p.

BERGER, P.; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. 247 p.

CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO PARA A CONVIVÊNCIA COM O SEMI-ÁRIDO, 1., 2006, Juazeiro, BA. **Diretrizes da educação para a convivência com o Semi-Árido**. Juazeiro: Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro, 2006.

DIRETRIZES para a convivência com o semiárido: uma contribuição da sociedade civil para a construção de políticas públicas. 2013. Disponível em: <<http://www.contag.org.br/arquivos/porta/Diretrizes%20para%20a%20convivencia%20com%20o%20semiarido.pdf>>. Acesso em: 20 out. 2019.

FREIRE, P.; FAUNDEZ, A. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. 158 p.

GRUPO PERMANENTE DE TRABAJO SOBRE ALTERNATIVAS AL DESARROLLO. **Más allá del desarrollo**. Quito: Fundación Rosa Luxemburg; 2011. 323 p.

GUILHERME, R. C. Desenvolvimento de comunidade e o serviço social: entre o conformismo e a crítica. **Emancipação**, v. 12, n. 1, p. 131-141, 2012.

OLIVEIRA, J. de A.; SANTOS, A. P. S.; SILVA, J. de S. De planos de desenvolvimento de assentamentos a projetos de vida comunitários: caso do PA Novo Campo. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA DIVERSIDADE DO SEMIÁRIDO, 1., 2016, Campina Grande. **Diversidade: aprender o Semiárido, no Semiárido e com o Semiárido**. Campina Grande: CEMEP: INSA, 2016.

PAZMIÑO, W. F.; QUINTANA, I. V. **Ser desarrollado o ser feliz?: propuesta pedagógica para una transición paradigmática, de la gestión social del “desarrollo” a la gestión social del Buen Vivir**. 2016. Tesis (Maestría) - Escuela de Trabajo Social, Pontificia Universidad Católica del Ecuador, Quito.

SACHS, W. (Org.). **Dicionário do desenvolvimento**: guia para o conhecimento como poder. Petrópolis: Vozes, 2000. 399 p.

SILVA, J. de S. **Investigación científica: ¿Para el desarrollo o para la vida?** Mauritiu: Académica Española, 2018. 94 p.

SILVA, J. de S. Agroecologia e a ética da inovação na agricultura. **Redes**, v. 22, n. 2, p. 352-373, maio/ago. 2017.

SILVA, J. de S.; PANELAS, O. **Convivência com o Semiárido**: manifesto poético do Bem Viver no Sertão. Recife: ASA Brasil, 2019. 111 p.



## Anexo

### *Núcleo de Agroecologia – Marco Orientador*





Apoio



MINISTÉRIO DA  
AGRICULTURA, PECUÁRIA  
E ABASTECIMENTO



CGPE 15763